



Um livro que vai fazer você chorar, sorrir e se apaixonar.

A história que é um sucesso no Wattpad e na Amazon,
agora disponível nas melhores livrarias.

Paola

Um relacionamento abusivo me quebrou.

Física e emocionalmente.

Agora me refugio num mundo escuro
de tintas fluorescentes e estrelas.

Até que...

André

Não tenho espaço para mais ninguém.

Depois de tudo o que enfrentei,

ter meu coração partido em mil pedaços,

é um pequeno raio de Sol que me faz sobreviver.

Mas talvez eu precise de todas as constelações para voltar a ser feliz.

Faça como mais de 1 milhão de leitores:

Apaixone-se você também por

Sorrisos Quebrados.



SOFIA SILVA

Sorrisos Quebrados

É na escuridão que brilha o amor verdadeiro

valentina



Rio de Janeiro, 2017

1ª Edição

Eu não
me apaixonei pela sua força
me encantei com a sua beleza
me atraí pelas suas curvas.

Não.

Essas eu também amo.

Mas

amei-a pelo seu sorriso

Fraco

Desproporcional

Quebrado.

Ele é o meu favorito
e o mais lindo de todos.



Paola

*P*or favor, por favor, por favor, rezo pedindo proteção a cada passo leve que dou pela casa. Com os sapatos nas mãos, desço a escada com cuidado.

Treinei, durante dias, como descê-la sem que a madeira rangesse. Pensei em tudo durante semanas, tanto que o meu único pensamento é partir.

Expiro fundo, quase silenciosamente, quando, enfim, chego ao térreo. Com cuidado, percorro o corredor e entro no escritório. O lugar proibido. Abro a gaveta e pego as chaves do carro que não dirijo há dois anos, mas não resisto e olho para as nossas fotos. Como alguém vai acreditar em mim se ele parece um príncipe: alto, louro, olhos claros e sorriso apaixonado? As mesmas fotografias em que, se alguém analisar com atenção,

perceberá que o meu sorriso, com o passar do tempo, vai diminuindo e a mão dele na minha cintura vai aumentando, apertando, sufocando... Esmagando.

Matando.

Não resisto — viro os porta-retratos para baixo. Eu era tão nova, tão apaixonada e inocente. Com o sorriso mais feliz que uma mulher poderia ter. Ele tinha feito o pedido de casamento com rosas espalhadas pela casa, a que comprara em segredo para nós. Parecia um conto de fadas: velas, champanhe e música ambiente romântica. Um pedido diante de todos os amigos e familiares para registrarem como eu era sortuda em ser amada por um homem tão maravilhoso. Um verdadeiro príncipe dos tempos modernos.

“Ele é o sonho de toda mulher. Nunca o deixe escapar. Você não vai encontrar homem melhor”, disseram-me a noite inteira enquanto eu recebia os cumprimentos. De nós dois, todas as pessoas deixavam claro que a felizarda era eu. Eu também pensava assim quando ouvia essas palavras. Como, dentre todas as minhas amigas que nutriam uma paixãozinha por ele, fora eu a escolhida? Meus sonhos não poderiam ser mais perfeitos. Roberto era a prova de como os homens não são românticos somente na literatura. Ele era o meu conto de fadas. Só não imaginei que o papel dele na nossa história não seria o de príncipe, mas o do pior dos vilões.

Olhando para trás consigo perceber que tudo era perfeito demais, e ninguém pode ser assim. Não existe um homem sem falhas, mas, por ele parecer tão bom, fui me modificando para fazê-lo feliz.

“Te amo tanto, Paola. Faço tudo para sermos felizes. Só estou pedindo para não vestir essa saia, (...) não vá passear com as suas amigas hoje e fique aqui comigo, já não suporto ficar longe (...) não sorria para outros homens porque esse sorriso quero só para mim (...) não (...) não (...) não...”



Nãos que começaram como pedidos que eu acreditava serem de um marido apaixonado, com ciúmes normais. Um homem religioso que não conseguia ficar longe da mulher e que, perante Deus, meus pais e todos os nossos amigos, prometera me amar e me fazer feliz até a nossa morte. Muitas vezes dizia que nem a morte poderia diminuir o que sentia por mim. Era eterno. Hoje, essas palavras me assustam terrivelmente.

Deixo o escritório e tudo para trás, sem pensar em mais nada, porque é deprimente saber que passei de uma adolescente de dezoito anos, que encontrou o amor perfeito, a alguém com vinte e quatro, que tem medo de acordar todas as manhãs sem saber o que irá acontecer. Passei a ter receio de respirar perto dele, ou parar de respirar nas mãos dele.

Saio em direção à garagem. Se eu pudesse iria a pé, mas vivemos quase dez quilômetros longe de tudo e rodeados pelos cachorros dele, que “vão te proteger enquanto eu estiver longe”. Mais uma mentira. Vivo aterrorizada em sair, pois estão treinados para vigiar cada passo meu. Roberto sabe que tenho pavor de cachorro devido a um incidente na infância e usa isso contra mim.

Corro apressada, abro a porta do carro e suspiro. Encosto a cabeça no banco e sorrio.

Finalmente! Estou a um passo de ser livre!

Levanto a mão para ligar o carro e ir embora para sempre, quando minha cabeça bate com tanta força no volante, que meu nariz quebra com o impacto. Tento me erguer, desorientada e confusa, mas novamente ela bate com força e sinto o gosto do sangue. E dor. Tanta dor. Estou entre sangue e dor.

Ai, meu Deus, dói tanto!

Bate, bate e bate...

Sangro, explodo, diluo-me.

Novamente, novamente, novamente.

Sem tempo para gritar ou chorar as dores que proliferam em mim.

Perco a noção de quantas vezes meu rosto foi esmagado contra a dureza do volante. Sempre que tento levantar a cabeça, ela bate com mais força e sinto que rasguei a língua.

Meu rosto está desfigurado.

Tão subitamente como começou, ele para e eu grito toda a tortura que sofri.

— Aaaaa!

Um choro sufocado pelo sangue na garganta sai quando meu rosto grita em sofrimento — implorando por clemência — e sinto um calafrio no pescoço. O frio da morte quase tomando conta de mim.

— Vai passear sem avisar, meu bem? — pergunta com voz calma. Odeio quando ele a usa comigo, pois são as piores discussões.

— Por favor, Roberto, não suporto mais isso.

Minha boca está tomada de sangue, lágrimas e dentes quebrados que cuspo, vendo-os caírem em meu colo.

— Prometo que não contarei a ninguém. Se quiser, assino uma declaração assumindo que a culpa é minha, mas não me bata mais. Deixe-me ir — imploro, sentindo a mão dele rodear o meu pescoço por trás. Apertando, sufocando... Esmagando.

Matando.

Começo a chorar de medo e de agonia. Tantas, tantas dores. De todas as vezes que me bateu, nunca tocara meu rosto, pois dizia que era nele que eu possuía alguma beleza, além de que não poderia esconder se algum parente ou amigo viesse nos visitar.

— A culpa é sua por estar sangrando. E eu não bato em você, Paola, eu a educo quando faz algo inaceitável. E você erra como ninguém. É burra e repete sempre os mesmos erros. — Puxa meu cabelo com força, passando o nariz no meu pescoço.

— Não, Roberto, não faça isso — imploro, desesperada.



Sempre que “*me educa*”, ele toca meu corpo de forma imunda para depois me humilhar mais. Sádico.

Com calma, aperta minha garganta e, simultaneamente, beija meu pescoço. Sua voz é tão serena que as lágrimas escorrem pelo meu rosto, pois sei que virão muitas outras em seguida.

— Estou cansado de tentar te ensinar como ser uma boa esposa. Por que faz isso comigo? Por que não me faz feliz? Não peço muito, mas já estou desiludido, meu bem — murmura, passando a língua pelo sangue que escorre.

Não suporto mais a presença dele.

Inesperadamente, solta meu corpo e, por segundos, relaxo até ele sair de trás do banco, onde estava escondido, e abrir minha porta. Olho para o meu marido, com sua postura arrogante e beleza fria, mas é o prateado reluzente da sua aliança que brilha na penumbra da garagem.

Tento encontrar fragmentos do homem que amei, mas cada vez mais acredito que ele nunca existiu. Junto as mãos trêmulas como se estivesse rezando, buscando sobreviver.

— Eu vou embora, Roberto. Vou sumir da sua vida. Desaparecer! Você pode dizer o que quiser sobre mim. Vou embora. Assim, não vai precisar ficar decepcionado por eu falhar constantemente. Não quero nada, Roberto. — *Somente ser livre!*, grito interiormente.

Ele fica parado, ouvindo tudo. Levanta a mão e eu me retraio com medo, mas os dedos são meigos quando toca meu cabelo. Fica mais próximo, segurando agora meu rosto com as duas mãos, olhando-me com carinho.

Passa o dedo no meu olho, que não abre por estar inchado, e parece triste com o estado do meu rosto. Ele é muito doente.

— Meu bem, eu te amo e só quero ser feliz, mas também quero que você seja. Sua felicidade é ao meu lado, nós dois juntos. Mesmo sendo má para mim, continuo te amando. Imagine o meu

sofrimento quando recebi uma ligação da sua mãe há um mês, perguntando se estávamos vivendo alguma crise, pois minha adorável esposa havia perguntado se poderia voltar para casa. Pense nas noites em que não dormi com medo de acordar sozinho, abandonado pela mulher que amo, mesmo ela sendo a desilusão personificada. Passei um mês com medo de que você fosse embora. Você não imagina o que é viver com medo.

Consigo imaginar porque é assim que eu vivo!, exclama minha mente apavorada.

— Como foi capaz de fazer isso comigo, Paola?

Aproxima-se e curva o corpo tentando beijar meus lábios, mas desvio o rosto até ele apertar com tanta força, que fica impossível lutar. Roça seus lábios nos meus, obrigando-me a abrir a boca, e consigo sentir o gosto do meu sangue misturado com as lágrimas, juntamente com o gosto dele, que passei a odiar.

— O casamento terminou — sussurra, interrompendo o beijo e se afastando de mim.

Estou livre!

Com as mãos trêmulas, procuro as chaves que caíram quando ele me bateu, mas não consigo encontrar porque uma dor agonizante ataca novamente.

— Ah. Não! Não! Não! — grito.

Com força, ele me põe para fora do carro, puxando meu cabelo e me arrastando pelo chão.

Tento me agarrar ao carro, mas não consigo.

Tento me prender em algo, mas não há mais nada na garagem.

Não tenho salvação.

— O que está fazendo? Para, Roberto. Está me machucando. Para, por favor, para!

Meu cabelo parece que vai ser arrancado da cabeça pela força com que estou sendo arrastada para fora da garagem.



Vou morrer, eu sei que vou morrer. Neste momento, eu sei que a minha vida terminará hoje.

— Sua puta! — grita como louco. — Dei tudo a você. Dei o amor que nenhum outro homem é capaz de oferecer a uma mulher. Sofri todos esses anos ao seu lado quando você olhava para outros homens e preferia estar com seus pais e suas amigas do que comigo. Quando fingia que gozava. Você não passa é de uma puta nojenta. Lixo! Imunda! — Enlouqueceu. É tudo mentira. — O que as pessoas vão dizer de mim? Já pensou nisso? Pensou em mim? Não! Porque uma mulher como você só pensa em si mesma.

Continua gritando, sem nunca parar de arrastar meu corpo, que rala dolorosamente nas pedras do jardim, aumentando o pavor que se abate sobre mim.

— Por favor, Roberto, está doendo. Para! Por favor, para! — suplico, mas ele continua arrastando o meu corpo, até que o som que odeio começa a aumentar. — Não. Os cachorros não, Roberto. Eu tenho muito medo, você sabe. Por favor, Roberto. Não faça isso.

Peço vezes sem conta, tentando novamente me agarrar a algo, mas não consigo. Tento travar a trajetória com as pernas, mas ele é forte demais e sinto que quebrei um dedo tentando fazê-lo parar.

Choro com a certeza de que estes são os meus últimos minutos de vida. Vou morrer. Meu Deus, vou morrer pelas mãos do homem que amei.

Vou morrer... vou morrer.

— Você vai aprender, já que age como uma cadela, a viver com eles. Vou escolher um animal que vai tratar você como você merece.

Lágrimas ensanguentadas caem mortas pelo caminho, como prenúncio do meu destino.

— Não! Não! Não! Não faça algo sem pensar. Por favor, Roberto, pense no que está fazendo.

Continuo pedindo e perdendo a esperança a cada segundo que passa, e ele me arrasta como se eu não estivesse lutando pela minha sobrevivência.

O latido desenfreado dos cachorros me assusta. Ele sempre usou os animais para me incutir medo, como nas vezes em que ficavam na porta de casa e rosnavam se eu me aproximasse.

Casei com um monstro e vou pagar por isso.

O som do portão se abrindo e o aumento dos latidos são como o som do inferno.

Deus, meu pai, me salva, por favor.

— Roberto... Roberto, não faça nada de cabeça quente. Por favor, se me ama não faça isso — peço pela última vez, antes de sentir a bota se chocando com meu rosto.

Afinal, a morte veio rápida.



— Meu bem, acorda. Vamos. Preciso de você acordada.

A voz suave voltou e, por segundos, penso que ele se arrependeu, até sentir algo frio no meu pescoço. Passo os dedos, e o pânico se apodera de mim. Um enforcador. Estou acorrentada no canil.

Olho para todos os lados, tentando perceber como estou presa; tentando encontrar a possível fuga, mas sei que o canil só tem uma saída e, para meu desespero, está trancada.

— Roberto, o que está fazendo? — indago, amedrontada. Ele se abaixa, encarando-me.

— Sabe por que te escolhi naquela noite?

Fico em silêncio, procurando uma resposta, quando um porrete me acerta com força, fazendo-me cair para trás com o impacto.

— Responde, cadela!



— N... não sei — gaguejo, mentindo. Sempre que nós brigamos, ele conta a mesma história.

— Vou explicar de novo. Havia dezenas de mulheres, quase todas mais altas, mais lindas, mais inteligentes e mais experientes que você. Ao lado delas, você sobrava. O patinho feio. Era a baixa, a magra que não tinha peitos nem curvas. Com cabelo de cor banal e olhos também sem charme algum para cativar a atenção. Nunca seria a primeira escolha de um homem. Talvez nem a última, pois qualquer outro homem sem a minha visão bondosa te excluiria da lista.

Roberto sempre repete isso, e suas palavras são como cacos de vidro me cortando por dentro.

— Mas, de todas, era a que tinha o sorriso mais lindo. Nenhuma outra mulher sorria assim, e, naquele momento, eu sabia que tinha que tê-la para mim. O que eu não esperava eram decepções atrás de decepções que você acabou trazendo para a nossa vida.

A capacidade de interpretação que ele tem dos acontecimentos sempre o coloca como o bondoso da história. O herói que resgatou a donzela.

— Imagine só como foi ouvir da mulher que eu amo que talvez eu precisasse procurar um especialista por não ter tesão para foder como ela gosta: como uma cadela no cio. Paola, a culpa de não foder você assim é sua e desse seu corpo nojento.

Tento, uma última vez, explicar.

— Eu nunca disse isso, Roberto. Pensei em você. Pensei com amor. Seu problema não afetou meu amor. Não foi isso. — Ele, como um psicopata, finge não acreditar em mim.

— A culpa nunca foi minha. Mas, não, você achou que era eu quem tinha problemas por não conseguir me excitar. Ficava horas conversando comigo, experimentando todas as técnicas. Vestindo-se que nem uma putinha porque só pensava em você. Sexo, sexo, sexo! — exclama, chutando

com força uma lata de tinta que quase me atinge. — Eu comprei joias, roupas, essa casa, mas para você era importante o fato de não podermos todos os dias, de eu não gostar de sexo a toda hora. Imagine como foi doloroso encontrar no seu histórico da internet nomes de médicos e tratamentos. E quando a vadia da sua amiga olhou para mim, eu sabia que você havia comentado com ela.

— Não. Eu nunca conversei com ninguém sobre a nossa intimidade, Roberto. Nunca faria isso. Tudo o que fiz foi para ajudá-lo. Não se tratava do meu prazer, mas de nós como casal. — Como ele distorcera a realidade.

— A culpa é sua. Eu sou perfeito! — grita, enchendo o peito com orgulho. — Sexo não é tudo, mas, se quer ser comida como um bicho, vou arranjar uma maneira.

Começo a suar frio.

Ele sai do canil, e não tenho tempo para entrar em pânico ou pensar no que está acontecendo. Puxo com força a coleira, mas ela é de ferro e couro. Tento, tento, tento... tento mais uma vez, até saber que não vou sair daqui viva. Mas o instinto não me deixa desistir e continuo puxando, até meus dedos sangrarem. Não vou morrer sem tentar.

Ele volta, sinto a presença dele, mas continuo tentando, até que levanto a cabeça e à minha frente está seu pitbull favorito. O mais agressivo. Aquele que Roberto passava horas treinando.

— Por favor — peço entre lágrimas e choro, sem nunca parar de tentar sair daquele cárcere infernal.

Desespero e medo. Dor e falta de esperança desabam sobre mim.

— Roberto, não solte o cachorro. Por favor, não faça isso. Por favor.

Continuo chorando e implorando. Meu corpo treme cada vez que o pitbull late. Ele me olha uma última vez, sorrindo, e diz a frase mais assustadora:

— Até que a morte nos separe, Paola.



E solta o cachorro.
Eu grito.
O portão se fecha e...
O pitbull corre feroz.
Ataca.
Morde.
Arranca.
Destrói.
Eu grito.
Imploro.
Choro.
Sofro.
Luto.
Ele não para.
Eu não aguento.

*Dois corações quebrados lutando
contra o pior inimigo da felicidade:
o medo de ser feliz.
Uma história de superação,
perseverança e fé na vida.*



Sofia Silva nasceu em Vila Nova de Gaia, Portugal. É licenciada em Ensino Básico (1º Ciclo) pela Universidade de Aveiro.

Amante da literatura, em especial da poesia e, nela, de Pablo Neruda. Sempre gostou dos sentimentos contidos nas palavras e do poder que exercem sobre os leitores. Ávida devoradora de romances, com predileção pelos dramáticos de final feliz, desde jovem participa ativamente do meio literário.

Em dezembro de 2014, iniciou-se na ficção através da plataforma online Wattpad com a *Série Quebrados*, cujo foco são histórias sobre violência doméstica, deficiência física e abuso sexual.

Com mais de 1 milhão de leituras e o apoio fervoroso das leitoras brasileiras, publicou, dois anos depois, o seu primeiro livro na Amazon, *Sorrisos Quebrados*, atingindo o top 10 de vendas em ebook no Brasil.

Para o futuro, deseja continuar a dar voz aos problemas da sociedade através de personagens que ultrapassam inúmeros obstáculos e merecem ser felizes.